



FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL

Revista Mutirão

ISSN: 2675-3472



Contribuições da obra da geógrafa Rosa Ester Rossini para o ensino de geografia humana

Larissa Araújo Coutinho de Paula^I , Marcela Nascimento Lima^{II} , Ana Carolina Carilo Santos^{III} 

^I Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6585-7537>

^{II} Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6525-5528>

^{III} Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, BA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0964-1723>

RESUMO

Este texto tem como principal objetivo ressaltar as contribuições das obras da Professora Dra. Rosa Ester Rossini para o ensino de Geografia Humana, mais precisamente nas áreas da Geografia Feminista e estudos de gênero, e também na Geografia da População. Rossini é amplamente reconhecida por introduzir a análise de gênero nos estudos geográficos a partir das mudanças de dinâmica no trabalho da cana-de-açúcar, além de ter desempenhado um papel fundamental para a ampliação de bolsas de iniciação científica na área das humanidades, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste do país. Esse trabalho baseia-se em revisões bibliográficas permeadas por leituras sobre as mulheres na Geografia e seus desafios para se consolidarem como cientistas numa sociedade machista; textos biográficos e autobiográficos da professora Rossini e artigos científicos publicados por ela.

Palavras-chaves: Rosa Ester Rossini; relações de gênero, mulheres geógrafas, pensamento geográfico, ensino de geografia.

Contributions of the work of geographer Rosa Ester Rossini to the teaching of human geography

ABSTRACT

The main objective of this text is to highlight the contributions of the works of Professor Dr. Rosa Ester Rossini to the teaching of Human Geography, more precisely in the areas of Feminist Geography and gender studies, as well as Population Geography. Rossini is widely recognized for introducing gender analysis into geographical studies based on the changing dynamics of sugarcane work, as well as having played a key role in expanding scientific initiation scholarships in the humanities, especially in the North and Northeast regions of the country. This work is based on bibliographical reviews permeated by readings on women in Geography and their challenges to consolidate themselves as scientists in a macho society; biographical and autobiographical texts by Professor Rossini and scientific articles published by her.

Keywords: Rosa Ester Rossini; gender relations, women geographers, geographical thinking, geography teaching.

Aportaciones de la obra de la geógrafa Rosa Ester Rossini a la enseñanza de la geografía humana

RESUMEN

El objetivo principal de este texto es destacar las contribuciones de los trabajos de la profesora Dra. Rosa Ester Rossini a la enseñanza de la Geografía Humana, más precisamente en las áreas de Geografía Feminista y estudios de género, así como de Geografía de la Población. Rossini es ampliamente reconocida por haber introducido el análisis de género en los estudios geográficos a partir de la dinámica cambiante del trabajo de la caña de azúcar, así como por haber desempeñado un papel clave en la expansión de las becas de iniciación científica en Humanidades, especialmente en las regiones Norte y Nordeste del país. Este trabajo se basa en revisiones bibliográficas permeadas por lecturas sobre las mujeres en Geografía y sus desafíos para consolidarse como científicas en una sociedad machista; textos biográficos y autobiográficos de la profesora Rossini y artículos científicos publicados por ella.

Palabras-clave: Rosa Ester Rossini; relaciones de género, mujeres geógrafas, pensamiento geográfico, enseñanza de la geografía.

INTRODUÇÃO

A participação feminina nos estudos geográficos, apesar do crescimento de pesquisas relacionadas à questão de gênero, ainda sofre com a desvalorização e invisibilidade. Estudamos por anos, em cursos de graduação e de pós-graduação tendo como principais referências, nas mais diversas subáreas da geografia: os homens.

Tal fato explica razão de muitos geógrafos e geógrafas concluírem seus cursos convictos de que a nossa ciência é órfã de mães, e de que somente o sexo masculino foi o responsável pelas grandes expedições que ajudaram a instituir a geografia, ou pela criação e aprofundamento de categorias e conceitos hoje legitimados (CLAUDINO; PAULA, 2024).

Neste âmbito, de busca pela valorização feminina na ciência geográfica, pelas contribuições das mulheres no ensino, na pesquisa e na extensão, este texto se propõe a evidenciar a trajetória da geógrafa Rosa Ester Rossini, a partir de sua colaboração para a geografia humana, sobretudo nos estudos sobre gênero, população, migrações e transformações no espaço agrário, articulando algumas de suas obras com o ensino de geografia. Rossini possui uma trajetória peculiar dentro da geografia brasileira, e ao longo de seus mais de oitenta anos de idade, permanece ativa, realizando pesquisas, orientações, palestras e demais atividades acadêmicas.

Figura 1. Foto da Professora Dra. Rosa Ester Rossini em 1962.



Fonte: acervo pessoal.

Nascida em Serra Azul, interior paulista, filha de ascendentes italianos, Rosa despertou o seu interesse geográfico ainda criança, ao acompanhar sua avó para buscar lenha, ao observar o padrão das casas dos imigrantes (ROSSINI, 2024). Apesar de uma infância e juventude marcadas por dificuldades econômicas, ela conseguiu prosseguir nos estudos, formando-se integralmente pela Universidade de São Paulo (USP). Nessa mesma Universidade foi docente de graduação e pós-graduação, tornando-se livre docente em 1988, ao defender a tese “Geografia e Gênero - A mulher na lavoura canavieira paulista”, considerada um trabalho pioneiro nos estudos sobre gênero no Brasil.

Além de sua dedicação no tripé universitário, Rosa é nacionalmente reconhecida pelo seu empenho na ampliação de bolsas na área de humanidades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), feito que lhe rendeu várias premiações, destacando-se a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico na condição de

Comendadora concedida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do Governo Federal (MCTI) e títulos Honoris Causa, de instituições como a Universidade Federal do Piauí (UFPI), a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Em relação ao referencial teórico, além de textos redigidos pela própria Rossini (2024, 2012, 1988, 1991), e de entrevistas concedidas por ela, nos debruçamos em leituras que propiciam a discussão sobre a pertinência da valorização feminina na geografia e demais ciências, tais como Claudino e Paula (2024), Claudino (2019), Aranha (2017), Perrot (2005), Tilly (1994), dentre outros(as); além da produção da própria Professora Rosa.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos utilizados para a elaboração desse texto baseiam-se principalmente na pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica e documental. Desse modo, foram lidas e analisadas entrevistas concedidas pela professora Rossini, seu memorial, artigos publicados por ela, bem como leituras relacionadas às contribuições de mulheres geógrafas e as formas de inserção desse debate em disciplinas pertinentes ao pensamento geográfico.

Resultados

Cirqueira e Feitosa (2020) analisaram a marginalização das mulheres na história do pensamento geográfico entre os anos de 1845 a 1945, discutindo a violência epistêmica que contribuiu para o emudecimento de suas contribuições nas narrativas acadêmicas. Os autores argumentam que os manuais de história da geografia frequentemente ignoram ou minimizam o papel das mulheres, resultando em uma visão distorcida dessa ciência.

Ao apresentarem um panorama da geografia no século XIX e início do XX, Cirqueira e Feitosa (2020) ressaltam a luta das mulheres por reconhecimento e oportunidades acadêmicas. A chegada do Iluminismo e o avanço técnico-científico evidenciou o grande poder da educação, da ciência e da cultura para a construção de outra imagem acerca da mulher. A mulher passou de bruxa a uma das únicas responsáveis pela criação dos filhos, uma vez que o aspecto maternal foi associado à natureza biológica.

O século XIX é marcado pela profissionalização da ciência e a instauração de um código, constando normas de conduta e escala de valores e hierarquias. Com estas mudanças, as mulheres experimentaram novas dificuldades para se inserirem nessa instituição de caráter masculino, elitista e ortodoxo. Elas tiveram que desenvolver novas estratégias de enfrentamento e uma delas foi à

participação silenciosa nas pesquisas através de familiares e companheiros (CIRQUEIRA; FEITOSA, 2020, p. 2).

Submetidas a violência epistêmica, que acontece quando uma visão de mundo se impõe sobre outras e impossibilita que interpretações alternativas sejam consideradas na determinação de um saber, as mulheres foram emudecidas, o que causou o silenciamento de certa produção geográfica de autoria feminina ou mesmo feminista e, conseqüentemente, a impossibilidade de ouvir estas geografias não convencionais. Inaudíveis, pereceram no esquecimento (CIRQUEIRA; FEITOSA, 2020).

A geografia é uma ciência que se consolidou num período imperialista europeu, sob diferentes discursos na defesa de espaço e território, que em suma tinham um objetivo em comum, legitimar a expansão do imperialismo europeu. Apesar das mudanças sofridas ao longo do tempo, com a inclusão de diferentes métodos e perspectivas, ainda convivemos com os vestígios desse passado colonial, machista, racista, e eurocêntrico e androcêntrico.

Esse processo relegou as geografias à exclusão e depreciação. Tais silenciamentos fizeram ecoar somente a voz masculina na trajetória geográfica, separando e hierarquizando ainda mais, homens e mulheres. É importante, diante desse passado, recuperar e enfatizar os aportes geográficos e contribuições dessas geógrafas em aulas, palestras e que suas obras sejam incluídas em referências bibliográficas obrigatórias das disciplinas.

A geógrafa Rosa Ester Rossini é uma das mulheres que intencionalmente foram sabotadas e apagadas de formas implícitas e sucessivas na produção acadêmica geográfica. Ao recuperarmos a sua trajetória fica evidente a série de contribuições geradas pela sua dedicação ao ensino, a pesquisa e a extensão. Sendo ela inclusive, a primeira a introduzir a discussão de gênero na geografia brasileira, ao demonstrar as diferenças de condições de vida e de trabalho a partir da realidade de famílias que trabalhavam no corte da cana-de-açúcar nas décadas de 1980 e 1990 na região nordeste do estado de São Paulo, Ribeirão Preto e entorno.

As pesquisas da Professora Rosa Ester Rossini acompanharam as dinâmicas vivenciadas pela força de trabalho feminina, permitindo a compreensão de como a técnica e as ideias feministas provocaram mudanças significativas na vida de trabalhadoras rurais. Ademais, seu trabalho sobre as características de fluxos populacionais são igualmente relevantes, o que a estabeleceu como uma referência importante, especialmente no que se refere às imigrações de ascendentes japoneses, conhecidos como dekasseguis.

Ao analisarem as contribuições das mulheres para o desenvolvimento do pensamento geográfico ao longo da história, Claudino e Paula (2024) ressaltam o quanto a sociedade

precisa evoluir para reconhecer e valorizar o espaço das mulheres na área geográfica. Através de uma revisão crítica, os autores ajudam a compreender como as noções de poder, lugar de conhecimento, erudição e ciência estão relacionados com as heranças patriarcais e o capitalismo. Ainda destacam o papel de geógrafas que, embora muitas vezes marginalizadas, contribuíram significativamente para teorias e práticas geográficas e a importância de situá-las como sujeitas da sua própria geografia.

Assim como para as outras ciências, para a geografia o conceito de gênero é uma dimensão importante da vida, porque pode determinar as experiências espaciais. Possui especificidades, de acordo com as temporalidades e espacialidades. A locação de que fala é importante para o conhecimento e acrescenta-se que o gênero de quem fala é tão relevante quanto o lugar de onde se fala. Por esses motivos, é preciso considerar “as mulheres como atores da história, suas atividades, suas diferenças de raça, de classe e de origem nacional, suas concepções de si e do mundo ao redor são, de agora em diante, fatos da história” (TILLY, 1994, p. 59).

Claudino e Paula (2024) explicam que nos cursos de licenciatura e bacharelado em geografia, é crescente a insatisfação dos discentes em relação a ausência da figura feminina nas referências disponibilizadas nas ementas das disciplinas. A inquietação com essa questão nos leva a propagar a seguinte inverdade: de que a geografia é uma ciência “órfã de mães”. A relevância dessa questão no mundo acadêmico torna latente a indagação da seguinte questão: Por qual razão se criou no imaginário dos estudantes que a contribuição das mulheres para o pensamento geográfico é inexistente ou insuficiente? Para responder essa pergunta é necessário retomar a origem da ciência geográfica, conhecimento que foi utilizado para realizar guerras e conquistar territórios, contribuindo para a consolidação do modo de produção capitalista.

Esse caráter de conquista de espaços colaborou para a expansão de preconceitos como o racismo somado à estrutura patriarcal e machista já existente. Portanto, as mulheres cientistas sofrem do silenciamento sedimentado sob violência histórica fazendo com que permaneçam em segundo plano. Esse silêncio consolida o enaltecimento masculino, traduz a dicotomia que separa sociedade e natureza e que separou e hierarquizou, conseqüentemente, homens e mulheres.

Rosa Ester Rossini sempre foi, e continua sendo, uma profissional apaixonada pelo que faz. Orientou mais de 200 teses ao longo de sua carreira, além de ter desempenhado um papel fundamental na orientação à pesquisa, algo que considera de extrema importância para que o pesquisador aprenda a conduzir pesquisas de forma consciente e genuína.

A professora Rosa é um exemplo de geógrafa e uma inspiração para as futuras gerações que desejam seguir na geografia humana, destacando a importância da mulher do campo e em outros âmbitos. Grande parte de seu reconhecimento vem não apenas de seu vasto conhecimento acadêmico, mas também de sua humildade e do acolhimento que oferece às pessoas que buscam aprender.

Segundo Alves (2019) a professora Rosa Ester Rossini foi a primeira geógrafa que se dedicou aos estudos sobre o gênero feminino no trabalho da cana-de-açúcar. Seu trabalho teve o ineditismo de compreender a mulher como uma categoria de análise nas pesquisas geográficas. A geógrafa também criticou a forma desigual de tratamento e de remuneração entre homens e mulheres. Assim, em 1988, Rossini defendeu sua tese de Livre-Docência “Geografia e Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista”.

A trajetória profissional da geógrafa tem também como principais campos de investigação a Geografia Agrária e Geografia da População, mas sua atuação nos temas de gênero é particularmente inovadora, sobretudo em estudos que conferem a divisão sexual e espacial do trabalho e subordinação feminina. Rossini apresenta uma perspectiva Marxista sobre a Geografia e gênero, o qual as mulheres exercem funções indispensáveis para a produção e reprodução da força de trabalho, garantindo a reprodução do capital (ALVES, 2019, p. 03).

Rossi pesquisou e registrou um período de mudança, no qual a trabalhadora rural viveu, quando passou a ser mão de obra individualizada e assalariada na produção capitalizada da monocultura canavieira, aumentando assim as suas jornadas de trabalho. E ao dedicar-se ao estudo dessas transformações, destacou a importância da força de trabalho feminina para a economia, seja no espaço rural ou urbano (ALVES, 2019).

Em depoimento organizado à Professora Larissa Araújo Coutinho de Paula, Rossini (2024), a partir de entrevista concedida pela Professora Rosa, nota-se que a vida da professora Rosa foi marcada por muitos julgamentos, pois evidenciar a mulher não era algo comum entre os pesquisadores de geografia naquela época. Mesmo assim, ela persistiu em defender seus direitos, e graças a essa determinação, conseguiu trazer à tona a pauta feminina na geografia e em outras ciências.

Sempre fui contestadora, mas de forma discreta. Nunca bati o pé no chão, mas tinha essa contestação, que aparecia sob a forma de pedir um crédito. Era uma contestação discreta, mas sempre defendi os meus direitos. E, na realidade, foi talvez minha opção de vida ser geógrafa atuante e um acaso defender os interesses das mulheres (ROSSINI, 2024, p. 386).

Com exemplos da vida real, Rosa foi ganhando mais convicção de que gostaria de dar destaque às mulheres do campo e suas trajetórias contínuas entre o trabalho rural e o doméstico. Essas mulheres, que vivem duplas jornadas, triplas jornadas, até então eram pouco mencionadas em trabalhos acadêmicos. Apesar de enfrentar muitas críticas, inclusive de alguns colegas, Rosa não desistiu de focar a mulher como objeto de pesquisa.

Na cidade onde nasci, a presença do bóia-fria era uma rotina. Eu ia cedo buscar lenha, de repente, apareceu o algodão. A minha *nonna* ia colher algodão. Eu ia ajudar. Então, eu convivi muito com essa história do trabalho da mulher. Em uma conversa com um colega, certa vez, ele disse: “Você não trabalha com agrária, você trabalha com mulher”. E, na realidade, acho que foi uma forma de agressão, pelo fato de eu estar dando visibilidade à mulher na geografia (ROSSINI, 2024, p. 393).

Figura 2. Foto da Professora Dra. Rosa Ester Rossini em sua residência, 2024.



Fonte: Paula, 2024.

Hoje, em 2024, aproximadamente 50% das famílias são chefiadas por mulheres no Brasil, segundo dados do (DIEESE). A tendência é que essa proporção continue a aumentar ao longo dos anos. Há 16 anos, a professora Rosa destacou a importância da mulher na sociedade e reforçou a necessidade de realçar as suas contribuições. Quando analisamos esses dados especificamente em relação às mulheres pretas e pardas e de baixa renda, essa porcentagem tende a ser ainda maior, refletindo uma realidade cuja qual muitas mulheres assumem a responsabilidade pelo sustento familiar em contextos de vulnerabilidade econômica.

É muito comum homens e mulheres serem roubados na avaliação da quantidade de cana cortada por parte do fiscal, hoje denominado “líder de equipe agrícola”, que deveria, ao final do dia, dar-lhes o controle da quantidade de cana cortada. Isso nem sempre acontece. É até comum receberem o salário, no final da semana ou da quinzena, sem terem recebido a “papeleta” do quantum cortado (ROSSINI, 2006, p. 233).

Quando a professora Rosa levanta essa questão sobre a negligência em relação aos ganhos do trabalhador rural, ela coloca em evidência uma discussão crucial sobre os direitos trabalhistas. Ao abordar como o trabalhador do campo tem sido sistematicamente esquecido no que diz respeito à garantia de seus direitos, a autora não apenas denuncia essa exclusão, mas também amplia o debate sobre a urgência de políticas que promovam a equidade e a justiça social no campo.

Até 2006, era incomum ver mulheres operando máquinas no cultivo da cana-de-açúcar, pois essa atividade era tradicionalmente considerada uma tarefa predominantemente masculina. Além disso, o trabalho com maquinário geralmente fornece resultados mais elevados em comparação ao manual de cultivo. Atualmente, em 2024, embora já haja mulheres participantes como operadoras de máquinas, elas ainda representam uma minoria no conjunto.

Rossini (2006) trouxe à discussão, a questão da dupla jornada de trabalho das mulheres rurais, destacando como essa carga se diferencia da vivenciada pelos homens. Enquanto a maioria dos homens, ao retornar de um dia exaustivo de trabalho no campo, pode finalmente descansar, as mulheres, após um dia igualmente árduo, ainda precisam lidar com as tarefas domésticas e cuidar da família. Lamentavelmente, em algumas famílias, essa dinâmica é perpetuada de forma geracional, uma vez que uma filha, desde cedo, é encarregada das atividades domésticas ao lado da mãe, enquanto o filho homem recebe o mesmo tratamento que o pai, como a professora Rosa ilustra em suas palavras.

O tempo de repouso para mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto para o homem permanece quase o mesmo; após uma longa jornada de trabalho o homem chega em casa e aguarda o jantar. Poucos têm colaborado no trabalho doméstico. Nos fins de semana, em geral, o homem vai se encontrar com os amigos, bater uma bola, bater um papo e ficar no bar conversando e bebendo. Enquanto isso, a mulher trabalha: lava roupa, cozinha, costura, remenda, prega botão, cuida das crianças. Em boa parte, esse trabalho é desempenhado por ela; raramente tem a colaboração da sogra, da mãe, da irmã, das cunhadas, dos companheiros, dos irmãos, etc. Quando as filhas começam a crescer já recebem alguns encargos. Inicialmente, cuidar dos irmãos menores, arrumar a cozinha. Dividem aos poucos os “encargos” da mãe até irem para a roça ou outro trabalho na cidade ou migrarem. Essa saída é feita para o trabalho em outra cidade ou através do casamento. Os meninos acompanham o pai, fazem pequenos serviços de compras para casa e aguardam que a mãe ou irmã lhes tragam a comida, lhes dêem a roupa para trocar, etc. Cedo vão para o trabalho (ROSSINI, 2006, p. 237).

Outro importante fenômeno social abordado nas obras da Professora Rosa Ester Rossini são as migrações. Rossini (2005) aponta que os japoneses tinham grandes expectativas, fugindo de um cenário de guerra, acreditavam que ao chegarem no Brasil encontrariam trabalhos dignos.

Os imigrantes japoneses costumam preservar sua cultura por meio da transmissão de histórias, garantindo que ela não se perca com o passar dos anos. Essa prática também evita que suas tradições sejam ofuscadas ou esquecidas pela influência da cultura do país onde residem.

A mistura de raças, de etnias, é evidente em São Paulo e no Brasil. Todos sentem enorme orgulho de suas raízes históricas. Com frequência, mesmo sem terem ido ao país de seus ancestrais, têm profunda curiosidade por tudo, especialmente a partir da história dos avôs/avós. Essa transmissão de conhecimentos/lembranças funciona como uma forma de não apagamento da memória, como elo de ligação do passado com o presente (ROSSINI, 2005, p. 37).

No trecho abaixo, a professora Rosa, como em praticamente todos os seus artigos sobre os trabalhadores, critica o fato de que os direitos desses trabalhadores são frequentemente inferiores ao que eles merecem, e em alguns casos, até inexistentes, dependendo da situação.

Em 1 de junho de 1990, foi aprovada a nova lei de controle de entrada de estrangeiros. As pessoas passaram a ter direito de contratar legalmente *nisseis* e *sanseis*. Mesmo após a regulamentação da referida lei, nem sempre os contratos são legais, apesar da existência de descontos de 15 a 30% do salário mensal dos chamados “contratados”. Em geral, os trabalhadores ilegais não percebem sua situação, ou só tomam consciência dela quando ficam doentes

ou sofrem acidentes: seus contratos não são muito claros, seus direitos são raros (ROSSINI, 2005, p. 37).

Podemos perceber que ao longo de sua trajetória, a Professora Rosa Ester Rossini produziu e ainda produz trabalhos de significativa relevância para o conhecimento geográfico. Muitos dos temas sobre os quais ela se debruçou estavam presentes em sua vida desde a infância, como o cotidiano no espaço rural, o trabalho feminino e a importância da unidade familiar para políticas públicas e a questão da imigração. Seus textos devem ser inseridos como leituras obrigatórias nas disciplinas que discutem temáticas sobre gênero e sobre populações, para que tenhamos a valorização de seu trabalho entre as gerações mais jovens de geógrafos e geógrafas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este texto procuramos ressaltar as contribuições da Professora Rosa Ester Rossini para o ensino sobre relações de gênero e geografia da população. Rossini destacou-se não apenas por introduzir a discussão sobre gênero nos estudos geográficos, mas também por priorizar e dedicar-se no acompanhamento de docentes para a orientação às pesquisas de iniciação científica. Trabalho este que fez por todo o Brasil, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste.

Vimos que desde a sua infância, Rossini teve um despertar para o conhecimento geográfico, com seu olhar curioso sobre a realidade vivida. Não por acaso, ela viria a se tornar um grande nome da geografia brasileira no que concerne aos estudos de gênero, população e migrações, uma vez que ela própria ascendeu de uma família de imigrantes italianos.

Por meio da obra da professora, podemos compreender os impactos da mecanização agrícola sobre a vida dos trabalhadores do campo, suas alterações nas dinâmicas familiares e no processo de luta pela visibilidade do trabalho da mulher. A obra de Rossini deve ser mais utilizada para despertar essas reflexões nos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Gomes. Trabalho e gênero nas obras de Rosa Ester Rossini. In: **XIII Encontro Nacional Da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE)**, 13., 2019, São Paulo. Anais do XIII Encontro Nacional da ANPEGE. São Paulo: ANPEGE, 2019.

ARANHA, Patrícia. **Geografia como profissão: campo, autorrepresentação e historiografia** (1934-1955). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CIRQUEIRA, José Vandério; FEITOSA, Wallace Vitor Leão. Invisibilidade da Mulher na História Do Pensamento Geográfico: o caso de Mary Arizona (Zonia) Baber. **Élisée - Revista de Geografia** da UEG, 2020.

CLAUDINO, Guilherme Claudino dos.; PAULA, Larissa Araújo Coutinho de. Algumas orientações para o ensino de história do pensamento geográfico e a emergência de uma agenda de pesquisa sobre mulheres geógrafas. In: Guilherme dos Santos Claudino; Larissa Araújo Coutinho de Paula; Rizia Mendes Mares. (Org.). **As Geógrafas na História do Pensamento Geográfico: uma breve introdução**. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2024, v. 1, p. 43-78.

DIEESE; **Departamento Intersindical e Estatística de Estudos Econômicos**. Boletim Especial 8 de março Dia da Mulher . [sl:sn], 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf> . Acesso em: 23/10/2024.

ROSSINI, Rosa Ester. Os felizes acasos de uma singular trajetória: Contribuições das mulheres para a Geografia Humana. In: Guilherme dos Santos Claudino; Larissa Araújo Coutinho de Paula; Rizia Mendes Mares. (Org.). **As Geógrafas na História do Pensamento Geográfico: uma breve introdução**. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2024, v. 1, p. 383-400.

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e Gênero: Recuperando a Memória de uma Pesquisa sobre a Força de Trabalho na Agricultura Canavieira na Macro-Área de Ribeirão Preto (SP-Brasil) 1977. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, p. 121-133, 2010.

ROSSINI, Rosa Ester. O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada – São Paulo – Brasil. En publicación: **América Latina: cidade, campo e turismo**. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.

ROSSINI, Rosa Ester. A memória congelada do imigrante: a solidariedade intergeracional dos japoneses e dos nikkeis no Brasil e no Japão atual. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, p. 34-43, set. 2005.

ROSSINI, Rosa Ester. Superando a discriminação: mulher e trabalho na modernidade tecnológica no Brasil. In: SAMARA, Eni de Mesquita (org.). **Populações: (Con)vivência e (In)tolerância**. São Paulo: Editora da USP, 2004, p. 245-257.

Rossini, Rosa Ester. A Mulher como força de trabalho na agricultura da cana – Estado de São Paulo. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 22, n. 43-44, p. 295-305, 1992.

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo. **Informações Econômicas**, p. 41-52, 1993.

ROSSINI, Rosa Ester. *Memorial*. Concurso para Professor Titular – **Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas** da Universidade de São Paulo, 1991.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**. N. 3. 1994, p. 29-62.

Larissa Araújo Coutinho de Paula

Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora (2020), mestra (2015) com período sanduíche na Universidad Autónoma Metropolitana (México), bacharela (2012) e licenciada (2011) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Possui Pós-doutorado em Geografia (2023) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Especialização em Ensino de Geografia (2022) pela UNESP, campus de Ourinhos.
E-mail: coutinholacp@gmail.com

Marcela Nascimento Lima

Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
E-mail: mnlima.bge@uesc.br

Ana Carolina Carilo Santos

Graduanda de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA) pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
E-mail: accsantos.lea@uesc.br